

Trajetória do Corpo Feminino na Ginástica no Brasil: da eugenia à cultura do fitness

Vera L. F. P. Fernandes

Faculdade de Educação Física e Desportos Universidade Federal de Juiz de Fora.

Diferentes períodos da história inserem o corpo feminino na prática da ginástica sob a ótica de discursos distintos. Da eugenia à cultura do fitness, no Brasil, a ginástica feminina passou de recomendação médica, atrelada aos ideais de purificação da população nas primeiras décadas do século XX, a uma busca pessoal (da mulher) em transformar o próprio corpo, ajustando-o à padrões de beleza, difundidos pelas variadas mídias, em especial a partir do final dos anos 30. Situação esta percebida nas décadas subseqüentes e intensificada nos dias atuais.

O presente estudo objetivou fazer um levantamento dos discursos, no qual o corpo feminino que pratica a ginástica esteve (e ainda está inserido), analisando-os quanto às semelhanças e divergências. O período analisado compreende as primeiras décadas do século XX até os dias atuais. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica exploratória, na qual foram incluídos trabalhos de autores que estudam a ginástica, o corpo feminino e/ou a relação entre ambos.

Os resultados nos mostram que nas primeiras décadas do século XX, devido a nossa população ser constituída, em sua maioria, por negros e por acreditarem que a atividade física causaria o robustecimento humano e, conseqüentemente, o aprimoramento da espécie, seria fundamental a prática de exercícios físicos que fortalecessem o organismo da mulher (mais especificamente às de cor branca), visto que as características adquiridas externamente seriam transmitidas às futuras gerações, ocorrendo assim, a eugenia do país. Porém, existia a concepção de que a mulher não poderia praticar qualquer tipo de atividade física. Desta forma, médicos-higienistas recomendavam a ginástica que, adequada a sexo feminino, fortaleceria o corpo daquelas que gerariam filhos fortes para servirem à nossa nação. Além disso, pretendia-se que suas formas femis fossem acentuadas através da ginástica.

Neste contexto, atribuiu-se grande importância às atividades com música, em especial o canto e a dança por conceder graça e leveza ao corpo feminino.

Notamos então que, por trás de todo o discurso de eugenia, já exista a preocupação com a feminilidade (beleza) da mulher, sendo por isso proibida diversas práticas ditas prejudiciais a sua delicada natureza, como é o caso das lutas e dos saltos (com vara, triplo).

A partir do final dos anos 30 percebemos o discurso médico-higienista perdendo força e espaço para a publicidade, que trouxe consigo uma relação direta entre a necessidade de enquadramento aos padrões de aparência física feminina à prática da ginástica, em especial através de revistas femininas que citavam a importância da ginástica e/ou embelezamento do corpo. Neste período, ainda havia o discurso de restrição à prática feminina em determinadas atividades ditas “inapropriadas a sua natureza”, como é o caso de vários esportes e do treinamento de força tidos como “masculinizantes”. Fato este que contribuiu para o crescimento de academias de dança e ginástica que ofereciam atividades apropriadas e exclusivas ao público feminino.

Notamos ainda que após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a mulher começou a inserir-se em profissões e espaços antes ocupados somente pelo sexo oposto. Paralelamente, ela começa a olhar mais para si. E a partir, principalmente, da década de 70, as mulheres já não mais se viam determinadas a praticarem uma ginástica orientada por mulheres, para mulheres. Elas passaram a se exercitarem em ambientes e atividades mistas. Assim, uma vez conquistado os espaços antes proibidos, ela estará cada vez mais presente em ambientes e atividades (ginástica), antes voltadas somente para o sexo oposto como é o caso da musculação. Esta prática foi bastante intensificada a partir dos anos 80, no qual o público feminino passou a perceber esta “nova ginástica”, em especial os treinos de força, como uma possibilidade de tornar seu corpo cada vez mais próximo das imagens difundidas pelas propagandas publicitárias.

A literatura estudada nos mostra que nos últimos 30 anos, sob o discurso da saúde e qualidade de vida, a mulher é inserida na cultura do fitness, tido como o conjunto de dispositivos que opera em torno da construção de uma

representação de corpo que conjuga como sinônimos “saúde” e “beleza”, bem como “bem-estar”, “qualidade de vida” e “vida saudável”. Assim, elas (as mulheres) passam a exibir corpos cada vez mais trabalhados e delineados, mas não só através da ginástica, como também por todo um aparato que compõe a indústria (contemporânea) da beleza que, além todo o tipo de ginástica e exercícios, contam ainda com cosméticos, cirurgias estéticas, cada vez mais modernas, e dietas que incluem restrição alimentar, suplementos e bebidas isotônicas: tudo em nome da “saúde”. Todos esses recursos apresentados à mulher, através da mídia, procuram convencê-la a usar toda a tecnologia disponível para atingir a tão esperada “saúde”.

Diante do apresentado, concluímos que a ginástica na qual se insere o corpo feminino, possui importantes e diferentes funções (política/eugenia, saúde, juventude) no decorrer do período estudado (início do século XX até a atualidade), mas que, em comum, possuem a intenção de proporcionar ou manter a beleza feminina. Percebemos, também, que entramos num caminho sem volta, no qual a cada dia novas tecnologias surgem com a promessa de “corrigir” o que a tecnologia anterior não fez, sejam através de equipamentos de ginásticas ou da indústria da estética e cirurgia plástica. E, a cada novidade, teremos um público (feminino) disposto a testá-la nesta busca desenfreada pelo padrão de beleza difundido nas diferentes mídias, no qual a ginástica sozinha muitas vezes não dá conta de proporcionar. Diante disso, concordamos que a mulher foi e mantém-se “escrava” dos padrões de corpo (ideal) anunciados pelos diferentes discursos, ao buscar para si o modelo beleza das diferentes épocas. Além disso, percebemos que a ginástica muito se desenvolveu neste período, mas, na atualidade “compete” com tecnologias de estética e cirurgia plástica que prometem os mesmos ou melhores resultados mais rápidos e “sem esforço”: tudo por uma “vida saudável”.

Procuramos neste trabalho fornecer subsídios para pesquisas futuras sobre um tema que muito ainda tem a ser explorado: corpo feminino, ginástica e seus diferentes significados ao longo da história.

Referências Bibliográficas

Araújo, E. (2009). "A Construção do Corpo" Feminino: artefatos modernos de procusto. *Anais do II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: culturas, leituras e representações*. João Pessoa: CE/UFPB, 1-9.

Coelho Filho, C. & Frazão, D. (2010). Prática de Ginástica em Academias Exclusivamente Femininas. *Motriz*, 16, 269-280.

Dallo, A. (2007). *A ginástica como ferramenta pedagógica: o movimento como gente de formação* (Ed. Rev. e Cor., Massucato, J., Trad.). São Paulo: USP.

Ferreira, M., Mendes, R. & Cunha Junior, C. (2009). Corpo, Juventude, Beleza e o Marketing da Atividade Física (Cap. 14, pp. 231-247). In Cunha Junior, C. Martin, E. & Lira, L. (Orgs.). *Lazer, Esporte e Educação Física*. Juiz de Fora: UFJF.

Goellner, S. (2009). Imagens da Mulher no Esporte (Cap. 16, pp. 269-292). In Del Priore, M. e Melo, V. (Orgs.). *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP.

Lima, T. & Mito, R. (2007). Procedimentos Metodológicos na Construção do Conhecimento Científico: a pesquisa bibliográfica. *Katálisis*. Florianópolis/SC, 10, 37-45.

Maldonado, G. (2006). A Educação Física e o Adolescente: a imagem corporal e estética da transformação na mídia impressa. *Mackezine*, 59-74.

Soares, C. (Org.). (2006). *Corpo e História* (3ª ed.) São Paulo: Autores Associados.

Soares, C. (2007). *Educação Física: raízes européias e Brasil* (4ª ed.). (Coleção educação contemporânea). Campinas: Autores Associados.

Vigarello, G. (2006). *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro.